**Senai Ary Torres – 1º Semestre 2021 – 03/05/2021**

**1NA – Técnico em Eletroeletrônica**

**Comunicação Oral e Escrita – Prof. Célia**

Exercício de análise de textos

**Texto 1 - Meu Guri**



http://interativoprata.blogspot.com/2011/06/em-1981-chico-buarque-traduziu-de-forma.html

Quando, seu moço, nasceu meu rebento  
Não era o momento dele rebentar  
Já foi nascendo com cara de fome  
E eu não tinha nem nome pra lhe dar  
Como fui levando, não sei lhe explicar  
Fui assim, levando, ele a me levar  
E na sua meninice  
Ele um dia me disse que chegava lá

Olha aí!  
Olha aí!

Olha aí!  
Ai, o meu guri, olha aí!  
Olha aí!  
É o meu guri e ele chega

Chega suado e veloz do batente  
Traz sempre um presente pra me encabular  
Tanta corrente de ouro, seu moço  
Que haja pescoço pra enfiar  
Me trouxe uma bolsa já com tudo dentro  
Chave, caderneta, terço e patuá  
Um lenço e uma penca de documentos  
Pra finalmente eu me identificar, olha aí!

Olha aí!  
Ai, o meu guri, olha aí!  
Olha aí!  
É o meu guri e ele chega

Chega no morro com carregamento  
Pulseira, cimento, relógio, pneu, gravador  
Rezo até ele chegar cá no alto  
Essa onda de assalto está um horror  
Eu consolo ele, ele me consola  
Boto ele no colo pra ele me ninar  
De repente, acordo, olho pro lado  
E o danado já foi trabalhar, olha aí!

Olha aí! (Ah, olha aí)  
Ai, o meu guri, olha aí! (Ah, olha aí meu guri)  
Olha aí! (Ah, meu guri)  
É o meu guri e ele chega (olha aí meu guri)

Chega estampado, manchete, retrato  
Com venda nos olhos, legenda e as iniciais  
Eu não entendo essa gente, seu moço  
Fazendo alvoroço demais  
O guri no mato, acho que tá rindo  
Acho que tá lindo de papo pro ar  
Desde o começo, eu não disse, seu moço  
Ele disse que chegava lá

Olha aí!  
Olha aí!

Olha aí! (Ah, olha aí)  
Ai, o meu guri, olha aí! (Ah, olha aí meu guri)  
Olha aí! (Ah, meu guri)  
É o meu guri (olha aí meu guri)

Olha aí! (Ah, olha aí)  
Ai, o meu guri, olha aí! (Ah, olha aí meu guri)  
Olha aí! (Ah, meu guri)  
É o meu guri (olha aí meu guri)

Olha aí! (Ah, olha aí)  
Ai, o meu guri, olha aí! (Ah, olha aí meu guri)  
Olha aí! (Ah, meu guri)  
É o meu guri (olha aí meu guri)

Olha aí! (Ah, olha aí)  
Ai, o meu guri

[O Meu Guri - Chico Buarque - LETRAS.MUS.BR](https://www.letras.mus.br/chico-buarque/66513/)

**Texto 2 - Almas Gêmeas I**



Imagem www.google.com

- Oi! Tudo bem?

- Tudo tranquilo, e aí?

- Eu estava louca para conversar com você de novo, ontem nosso papo foi muito bom...

- É verdade, há um mês eu entrei no bate-papo meio por entrar e de repente...

- De repente?

- De repente, encontro uma Maria, com a qual sonhei a vida inteira.

- Verdade mesmo? Você está falando sério?

- Falando sério? Você nem imagina quanto! Nas nossas conversas rápidas, eu senti assim uma premonição de que ali estava, finalmente, a minha alma gêmea.

- Agora você me deixou emocionada..., mas, na verdade, eu também senti uma coisa meio diferente e hoje mais ainda, neste nosso início de bate-papo. Sabe de uma coisa, João? Até parece que eu te conheço de uma vida inteira.

- E eu, Maria? Desde outras vidas, tamanha é a afinidade que eu sinto por você.

- Que bonito, João. Assim é covardia, esta batalha você ganhou.

- Ganhei nada, sou desde já refém da sua simpatia, seu jeito, sua forma de expressar...

- Obrigada, João.

- Nem agradeça, Maria. Vamos conversar mais, quero saber tudo de você. Quem é você?

- Adivinha, se gostas de mim...

- Quem é você, minha misteriosa?

- Eu sou a Colombina.

- Eu sou o Pierrot. Mas nem é carnaval, nem meu tempo passou. Bom, pelo menos depois de você.

- É verdade, João. Deixando a música de lado, eu que já não sou tão menina, apesar de estar me sentindo assim, quero que você saiba que a minha vida estava muito chata, muito monótona até que o destino te colocou neste diálogo meio louco, meio mágico...

- Vamos fazer o jogo da verdade, Maria? Eu sou João, ou outro nome qualquer, tenho 45 anos, casado há muito tempo, sem filhos. Meu casamento entrou numa rotina...

- Eu também, João, estou casada há muito tempo, também sem filhos, achando que era feliz, até te descobrir, e, principalmente, descobrir que estou viva. Apesar de também ter passado dos quarenta, estou me sentindo uma colegial, diante das primeiras emoções.

- A minha esposa é boazinha, mas não tem a mínima imaginação, nem a tua sensibilidade. Jamais seria capaz de um diálogo deste nível.

- O meu marido é honesto, trabalhador, mas é um tremendo cretino, só pensa em futebol.

- Eu até gosto de futebol, mas não sou muito fanático. A minha mulher só quer saber daquelas novelas chatas, sempre do mesmo jeito.

- Eu quase que nem assisto novelas, prefiro ler e conversar. Com pessoas como você, é claro!

- Pois é... este papo de internauta é gostoso, mas já não me satisfaz plenamente. Eu quero te conhecer pessoalmente, tocar no teu corpo. E quem sabe...

- Eu fico meio envergonhada... Mas, dane-se o pudor, estou louca para fazer com você as coisas mais loucas que puder...

- Que tal neste fim de semana, à tarde... a gente poderia ir a um barzinho ...

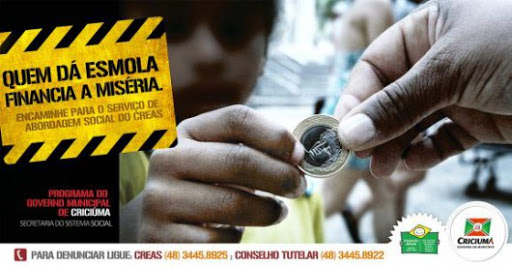
- Eu topo!!! - Me deixa o número do seu celular.

- Ah! É 9899... - 9899...

- Mas este é o celular da minha esposa!!! É você, Joana???

- José?!!!!  Luiz Fernando Elias (In: KOCH, Ingedore & ELIAS, Vanda Maria. Ler e Compreender os sentidos do texto. São Paulo: Contexto, 2008. p. 35-36)

**Texto 3 - Contra a esmola**



http://www.engeplus.com.br/noticia/geral/2011/nova-campanha-contra-esmola

Esmola é o que se dá por caridade a alguém que necessita. Deve ser evitada e utilizada em último caso, quando todas as outras alternativas falharam. A todo ser humano, qualquer que seja a situação em que esteja vivendo, é preciso garantir dignidade. Desde o direito à privacidade, ao livre arbítrio, à educação, até o direito ao trabalho através do qual se entende que a própria pessoa possa administrar sua vida e obter o que necessita para viver.

Quando uma família se desestrutura, quando enfrenta alguma tragédia, doença prolongada de seu chefe, ou alguma impossibilidade para o trabalho, deve-se entender que esta situação não é definitiva e tem que ser encarada como passageira. Neste momento, quando se recorre à esmola, leva-se junto com ela também a humilhação, o rebaixamento à condição de favor. Ou seja, junto com o ato da caridade está implícito o ato de vontade: dou porque quero, não tenho obrigação. Com a esmola o direito acaba e o necessitado perde a condição de ser humano sujeito de direitos e passa à condição de objeto que vai receber alguma coisa dependendo da vontade de quem dá ou de quem a administra.

Por não se tratar de direitos, a administração da esmola também não tem critérios objetivos, ou seja, dá-se sempre a quem vê, a quem está mais perto e nem sempre a quem necessita. Uma sociedade que conta com políticas públicas para crianças, idosos, doentes e desempregados não precisa lançar mão de esmolas. A manutenção de políticas sociais estáveis, além de garantir direitos, tem também de garantir a universalidade do atendimento, ou seja, o serviço ou o benefício tem que atingir a todos que dele necessitam. A esmola só serve para deixar em paz a consciência de quem a dá. Assim, a paz é falsa. Alda Marco Antônio, *Isto é,* jun.1996.

**Texto 4 - A favor da esmola**



Imagem pixabay.com

Nunca consigo deixar de dar esmola. Quando vejo uma pessoa na miséria absoluta, meto a mão no bolso e dou uma ajuda. Naquele momento em que recebe uma esmola, a pessoa excluída de um processo social injusto pode comer alguma coisa. Em tese, pode ser correta esta ideia de que dar esmola não é bom nem para quem dá nem para quem recebe”. Mas, na prática, a realidade é outra. Quem pede esmola está ou deve estar com fome. Vivo esta contradição, e acho que é a mesma que, no fundo, todo mundo vive. O ideal seria um mundo sem esmola, em que todos tivessem emprego, ganhassem seu salário, tivessem a sua dignidade, sua cidadania resguardada. Mas, infelizmente, nós vivemos em um país onde 20% da população vive na indigência.

Com tanta miséria, o que eu vou fazer no momento em que um menino, com fome, descalço, visivelmente fraco, me pede uma esmola? Vou dizer para ele: não, vá trabalhar! Não posso dizer isso. Estas campanhas como “não dê esmolas” só terão validade se antes for criada uma alternativa verdadeira. Se não, tornam-se perversas. Na situação atual, negar uma esmola a um excluído é um ato de insensibilidade. Não é difícil acabar com a miséria no Brasil. Mas não basta apenas o discurso. A comparação entre o que se faz na área social com o que se faz para salvar bancos é válida, porque para algumas coisas no Brasil somos rápidos e eficientes, mas, para outras, somos lentos e ineficientes, como no trato da questão social.

A miséria é uma vergonha para todos nós e, às vezes, chegamos a nos sentir cúmplices. Em alguma medida podemos ter responsabilidade, uns muito mais do que a maioria. A esmola não é alienante, a não ser quando é a única ação contra a miséria. Eu não posso, ao ver uma pessoa cair na rua, dizer, comodamente: um médico é que deve atender você. Acho que contemplar ou passar por cima é a pior coisa que uma pessoa pode fazer. Herbert de Souza*, Isto é*, 19 jun.1996.

**Texto 5 - Masculino e feminino**

– No banheiro dos homens, não. Beatriz deu uma brecada brusca e ficou ali, empacada na porta do banheiro masculino. Apontou para a porta que ficava ao lado. Do ângulo que seus 5 anos permitiam ver, eu nem poderia suspeitar que ela conseguisse enxergar a bonequinha de saia.

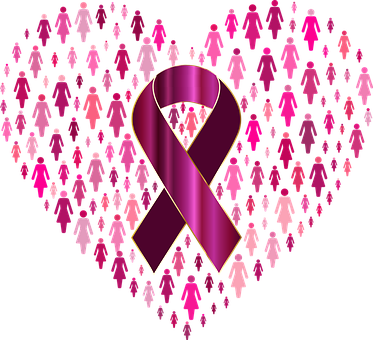


Imagem pixabay.com

– Eu quero fazer xixi no banheiro das mulheres – disse ela, dando aquelas reboladinhas típicas de criança que está se segurando. Tentei argumentar que, na verdade, aqueles dois banheiros eram de homens, não havia nenhum para mulheres naquele shopping. Só que um era para homens escoceses, que costumam usar saiotes listrados chamados kilts, e o outro, aquele em que deveríamos entrar, era para homens de outras nacionalidades. Papai nasceu no Brasil. Portanto, a nossa porta deveria ser aquela mesmo. Meu plano estava quase dando certo quando uma senhora passou por trás de nós e entrou no “banheiro dos escoceses”.

– Eu quero fazer xixi no banheiro das mulheres.

– Só se você for sozinha – propus, mesmo sabendo do risco que ela correria de cair no vaso.

– Não, você vai junto. Não era por falta de vontade. Todo homem sempre teve a curiosidade de saber como é o interior de um banheiro feminino. Mais: saber por que elas sempre vão ao banheiro em dupla. Até que, eureca, uma lâmpada se acendeu sobre a minha cabeça. Descobri o que fazer: só precisava encontrar uma mulher que se dispusesse a entrar com Beatriz. Poderia ir até a Praça de Alimentação, parando de mesa em mesa:

– Olá. Desculpe incomodá-la, mas a minha filha está querendo ir ao banheiro feminino e eu não posso levá-la. A senhora se incomoda em fazer isso por mim? Mas quero que a senhora forre a tampa com papel higiênico antes de ela se sentar. Ah, não deixe que ela encoste em nada. E, antes de sair, arregace as mangas do moletom dela e ajude-a a lavar as mãos. Muito obrigado! Dei uma olhada rápida pelas mesinhas e não achei ninguém com cara de aceitar a minha proposta indecente. Antes de virar pai separado, pensei nos vários problemas que teria no relacionamento com as crianças. Mas não sei como pude esquecer de uma questão crucial como esta do banheiro do shopping. Também, se tivesse pensado, o que eu teria feito para resolver a situação? Na frente do juiz, exigir: “quero ter o direito de ver meus filhos dois dias por semana e mais um fim de semana sim, outro fim de semana não. E, toda vez que ficar com vontade de fazer xixi no shopping, a garota poderá ligar para a mãe, que deverá vir imediatamente para levá-la ao banheiro feminino”. Complicado demais. Achei melhor continuar persuadindo minha filha.

– Beatriz, o papai só pode entrar nesse banheiro aqui.

– Por quê?

– Porque o papai é deste sexo.

– E o que é sexo?

Ai, meu Deus! Não estava planejando ter esta conversa com ela tão cedo. Pensava em tratar do assunto só dali a três ou quatro anos. Ainda mais que a explicação que andei treinando era um tanto longa e não sei se o xixi dela iria conseguir esperar a abelhinha pousar na flor, recolher o pólen...

– Depois a gente fala sobre isso, Beatriz. Temos uma questão mais urgente a resolver: você precisa fazer xixi. Malditos símbolos de portas de banheiro que qualquer criança de cinco anos consegue resolver. Se tivesse colocado o “M” e o “F”, eu poderia usar outra artimanha. Poderia dizer que era “M” de mulher e pronto. Eu mesmo já fiz essa confusão algumas vezes. Em todas, fui salvo por uma senhora saindo no momento em que me preparava para entrar. Na falta de mais argumentos, e já percebendo que a reboladinha tinha virado passos de passista de escola de samba, resolvi usar a hierarquia:

– Vamos entrar nesse aqui e ponto final – ordenei, abrindo a porta. Puxei Beatriz pelo braço e entramos. Só havia uma casinha livre. Fechei a porta e comecei a operação de colocar papel higiênico no assento.

– Está saindo, vai logo – Beatriz bronqueava, como se eu fosse o culpado do atraso. Sentou-se e o xixi saiu todo. Para alívio de nós dois. Na saída, mais tranquila, a menina começou a olhar para os lados e viu vários homens alinhados de costas nos mictórios.

– Olha, pai ¬– disse ela em voz alta. – todo mundo tá fazendo xixi junto...

Dois homens até viraram para trás. Com uma mão, tapei a boca dela. Com a outra, tapei os olhos. Tirei a curiosinha dali rapidamente, sem lavar as mãos mesmo. Da próxima vez, decidi não vou dar água para ela antes de sair de casa. +. In: Carmen Lúcia; Nilson Joaquim da Silva (Orgs.). Grandes amigos: antologia. São Paulo: Panda, 2004.

**Texto 6 - Redação do Enem (2020) - Tema "O estigma associado às doenças mentais na sociedade brasileira".**



Imagem pixabay.com

No filme estadunidense “Coringa”, o personagem principal, Arthur Fleck, sofre de um transtorno mental que o faz ter episódios de riso exagerado e descontrolado em público, motivo pelo qual é frequentemente atacado nas ruas. Em consonância com a realidade de Arthur, está a de muitos cidadãos, já que o estigma associado às doenças mentais na sociedade brasileira ainda configura um desafio a ser sanado. Isso ocorre, seja pela negligência governamental nesse âmbito, seja pela discriminação dessa classe por parcela da população verde-amarela. Dessa maneira, é imperioso que essa chaga social seja resolvida, a fim de que o longa norte-americano se torne apenas uma ficção.

Nessa perspectiva, acerca da lógica referente aos transtornos da mente no espectro brasileiro, é válido retomar o aspecto supracitado quanto à omissão estatal nesse caso. Segundo a OMS (Organização Mundial da Saúde), o Brasil é o país com maior número de casos de depressão da América Latina e, mesmo diante desse cenário alarmante, os tratamentos às doenças mentais, quando oferecidos, não são, na maioria das vezes, eficazes. Isso acontece pela falta de investimentos em centros especializados no cuidado para com essas condições.

Consequentemente, muitos portadores, sobretudo aqueles de menor renda, não são devidamente tratados, contribuindo para sua progressiva marginalização perante o corpo social. Esse contexto de inoperância das esferas de poder exemplifica a teoria das Instituições Zumbis, do sociólogo Zygmunt Bauman, buque as descreve como presentes na sociedade, mas que não cumprem seu papel com eficácia. Desse modo, é imprescindível que, para a completa refutação da teoria do estudioso polonês, essa problemática seja revertida.

Paralelamente ao descaso das esferas governamentais nessa questão, é fundamental o debate acerca da aversão ao grupo em pauta, uma vez que ambos representam impasses para a completa socialização dos portadores de transtornos mentais. Esse preconceito se dá pelos errôneos ideais de felicidade disseminados na sociedade como metas universais. Entretanto, essas concepções segregam os indivíduos entre os “fortes” e os “fracos”, em que os fracos, geralmente, integram a classe em discussão, dado que não atingem os objetivos estabelecidos, tal como a estabilidade emocional. Tal conjuntura segregacionista contrária o princípio do “Espaço Público”, da filósofa Hannah Arendt, que defende a total inclusão dos oprimidos — aqueles que possuem algum tipo de transtorno, nesse caso — na teia social. Dessa maneira, essa celeuma urge ser solucionada, para que o princípio da alemã se torne verdadeiro no país tupiniquim.

Portanto, são essenciais medidas operantes para a reversão do estigma associado às doenças mentais na sociedade brasileira. Para isso, compete ao Ministério da Saúde investir na melhora da qualidade dos tratamentos a essas doenças nos centros públicos especializados de cuidado, destinando mais medicamentos e contratando, por concursos, mais profissionais da área, como psiquiatras e enfermeiros. Isso deve ser feito por meio de recursos liberados pelo Tribunal de Contas da União — órgão que aprova e fiscaliza feitos públicos—, com o fito de potencializar o atendimento a esses pacientes e oferecê-los um tratamento eficaz. Ademais, palestras devem ser realizadas em espaços públicos sobre os malefícios das falsas concepções de prazer e da importância do acolhimento das pessoas doentes e vulneráveis. Assim, os ideais inalcançáveis não mais serão instrumentos segregadores e, finalmente, a situação de Fleck não mais representará a dos brasileiros.

https://www.bing.com/search?q=inep+reda%C3%A7%C3%A3o+nota+1000+enem+2020

**Texto 7 -** Não há Vagas – Ferreira Gullar

O preço do feijão

não cabe no poema. O preço

do arroz



não cabe no poema.

Não cabem no poema o gás

a luz o telefone

a sonegação

do leite

da carne

do açúcar

do pão

O funcionário público

não cabe no poema

com seu salário de fome

sua vida fechada

em arquivos.

Como não cabe no poema

o operário

que esmerila seu dia de aço

e carvão

nas oficinas escuras

- porque o poema, senhores,

está fechado:

"não há vagas"

Só cabe no poema

o homem sem estômago

a mulher de nuvens

a fruta sem preço

O poema, senhores,

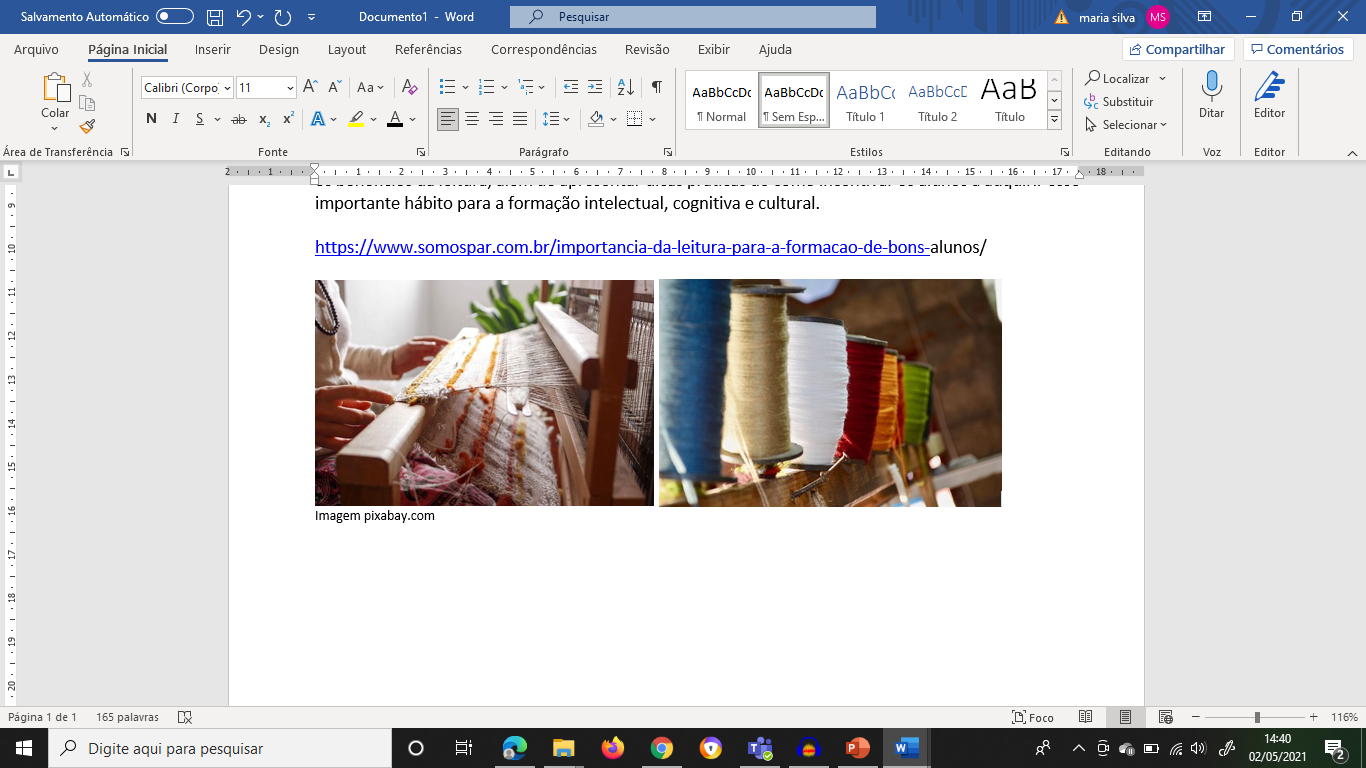
não fede

nem cheira

Não há Vagas

Ferreira Gullar, in 'Antologia Poética'

**Texto 8 – A moça tecelã – Marina Colasanti (1938)**



Depois lãs mais vivas, quentes lãs iam tecendo hora a hora, em longo tapete que nunca acabava. Se era forte demais o sol, e no jardim pendiam as pétalas, a moça colocava na lançadeira grossos fios cinzentos do algodão mais felpudo. Em breve, na penumbra trazida pelas nuvens, escolhia um fio de prata, que em pontos longos rebordava sobre o tecido. Leve, a chuva vinha cumprimentá-la à janela. Mas se durante muitos dias o vento e o frio brigavam com as folhas e espantavam os pássaros, bastava a moça tecer com seus belos fios dourados, para que o sol voltasse a acalmar a natureza.

Assim, jogando a lançadeira de um lado para outro e batendo os grandes pentes do tear para frente e para trás, a moça passava os seus dias. Nada lhe faltava. Na hora da fome tecia um lindo peixe, com cuidado de escamas. E eis que o peixe estava na mesa, pronto para ser comido. Se sede vinha, suave era a lã cor de leite que entremeava o tapete. E à noite, depois de lançar seu fio de escuridão, dormia tranquila. Tecer era tudo o que fazia. Tecer era tudo o que queria fazer. Mas tecendo e tecendo, ela própria trouxe o tempo em que se sentiu sozinha, e pela primeira vez pensou em como seria bom ter um marido ao lado. Não esperou o dia seguinte. Com capricho de quem tenta uma coisa nunca conhecida, começou a entremear no tapete as lãs e as cores que lhe dariam companhia. E aos poucos, seu desejo foi aparecendo, chapéu emplumado, rosto barbado, corpo aprumado, sapato engraxado. Estava justamente acabando de entremear o último fio do ponto dos sapatos, quando bateram à porta. Nem precisou abrir. O moço meteu a mão na maçaneta, tirou o chapéu de pluma, e foi entrando em sua vida.

Aquela noite, deitada no ombro dele, a moça pensou nos lindos filhos que teceria para aumentar ainda mais a sua felicidade.

E feliz foi, durante algum tempo. Mas se o homem tinha pensado em filhos, logo os esqueceu. Porque tinha descoberto o poder do tear, em nada mais pensou a não ser nas coisas todas que ele poderia lhe dar.

— Uma casa melhor é necessária — disse para a mulher. E parecia justo, agora que eram dois. Exigiu que escolhesse as mais belas lãs cor de tijolo, fios verdes para os batentes, e pressa para a casa acontecer. Mas pronta a casa, já não lhe pareceu suficiente.

— Para que ter casa, se podemos ter palácio? — perguntou. Sem querer resposta imediatamente ordenou que fosse de pedra com arremates em prata. Dias e dias, semanas e meses trabalhou a moça tecendo tetos e portas, e pátios e escadas, e salas e poços.

A neve caía lá fora, e ela não tinha tempo para chamar o sol. A noite chegava, e ela não tinha tempo para arrematar o dia. Tecia e entristecia, enquanto sem parar batiam os pentes acompanhando o ritmo da lançadeira. Afinal o palácio ficou pronto. E entre tantos cômodos, o marido escolheu para ela e seu tear o mais alto quarto da mais alta torre.

— É para que ninguém saiba do tapete — ele disse. E antes de trancar a porta à chave, advertiu: — Faltam as estrebarias. E não se esqueça dos cavalos! Sem descanso tecia a mulher os caprichos do marido, enchendo o palácio de luxos, os cofres de moedas, as salas de criados. Tecer era tudo o que fazia. Tecer era tudo o que queria fazer. E tecendo, ela própria trouxe o tempo em que sua tristeza lhe pareceu maior que o palácio com todos os seus tesouros. E pela primeira vez pensou em como seria bom estar sozinha de novo. Só esperou anoitecer. Levantou-se enquanto o marido dormia sonhando com novas exigências. E descalça, para não fazer barulho, subiu a longa escada da torre, sentou-se ao tear. Desta vez não precisou escolher linha nenhuma. Segurou a lançadeira ao contrário, e jogando-a veloz de um lado para o outro, começou a desfazer seu tecido. Desteceu os cavalos, as carruagens, as estrebarias, os jardins. Depois desteceu os criados e o palácio e todas as maravilhas que continha. E novamente se viu na sua casa pequena e sorriu para o jardim além da janela.

A noite acabava quando o marido estranhando a cama dura, acordou, e, espantado, olhou em volta. Não teve tempo de se levantar. Ela já desfazia o desenho escuro dos sapatos, e ele viu seus pés desaparecendo, sumindo as pernas. Rápido, o nada lhe subiu pelo corpo, tomou o peito aprumado, o emplumado chapéu.

Então, como se ouvisse a chegada do sol, a moça escolheu uma linha clara. E foi passando-a devagar entre os fios, delicado traço de luz, que a manhã repetiu na linha do horizonte. Texto extraído do livro “Doze Reis e a Moça no Labirinto do Vento”, Global Editora, Rio de Janeiro, 2000.

**Texto 9 -** Gaiolas e asas - Rubem Alves



Imagem pixabay.com

[...]

"Há escolas que são gaiolas. Há escolas que são asas". Escolas que são gaiolas existem para que os pássaros desaprendam a arte do voo. Pássaros engaiolados são pássaros sob controle. Engaiolados, o seu dono pode levá-las para onde quiser. Pássaros engaiolados sempre têm um dono. Deixaram de ser pássaros. Porque a essência dos pássaros é o voo.

Escolas que são asas não amam pássaros engaiolados. O que elas amam são os pássaros em voo. Existem para dar aos pássaros coragem para voar. Ensinar o voo, isso elas não podem fazer, porque o voo já nasce dentro dos pássaros. O voo não pode ser ensinado. Só pode ser encorajado.

Esse simples aforismo nasceu de um sofrimento: sofri conversando com professoras de segundo grau, em escolas de periferia. O que elas contam são relatos de horror e medo. Balbúrdia, gritaria, desrespeito, ofensas, ameaças... E elas, timidamente, pedindo silêncio, tentando fazer as coisas que a burocracia determina que sejam feitas, como dar o programa, fazer avaliações... Ouvindo os seus relatos, vi uma jaula cheia de tigres famintos, dentes arreganhados, garras à mostra e as domadoras com seus chicotes, fazendo ameaças fracas demais para a força dos tigres.

Sentir alegria ao sair de casa para ir à escola? Ter prazer em ensinar? Amar os alunos? O sonho é livrar-se de tudo aquilo. Mas não podem. A porta de ferro que fecha os tigres é a mesma porta que as fecha com os tigres.

Nos tempos de minha infância, eu tinha um prazer cruel: pegar passarinhos. Fazia minhas próprias arapucas, punha fubá dentro e ficava escondido, esperando... O pobre passarinho vinha, atraído pelo fubá. Ia comendo, entrava na arapuca e pisava no poleiro. E era uma vez um passarinho voante. Cuidadosamente eu enfiava a mão na arapuca, pegava o passarinho e o colocava dentro de uma gaiola. O pássaro se lançava furiosamente contra os arames, batia as asas, crispava as garras e enfiava o bico entre os vãos. Na inútil tentativa de ganhar de novo o espaço, ficava ensanguentado... Sempre me lembro com tristeza da minha crueldade infantil.

Violento, o pássaro que luta contra os arames da gaiola? Ou violenta será a imóvel gaiola que o prende? Violentos, os adolescentes de periferia? Ou serão as escolas que são violentas? As escolas serão gaiolas? Vão me falar sobre a necessidade das escolas dizendo que os adolescentes de periferia precisam ser educados para melhorarem de vida. De acordo. É preciso que os adolescentes, que todos, tenham uma boa educação. Uma boa educação abre os caminhos de uma vida melhor. Mas eu pergunto: nossas escolas estão dando uma boa educação? O que é uma boa educação? Disponível https://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz0512200109.htm

Aforismo é um texto breve que enuncia uma regra, um pensamento, um princípio ou uma advertência.

**Texto 10 –** Jovem eleitor - *Por Barbara Arantes @babi\_arantes*

Tirar o título de eleitor aos 16 é um privilégio de assumir o quanto antes seu papel como cidadão. Foi o que eu fiz um mês após meu aniversário.

Hoje, com 17 anos, não serei obrigada a ir às urnas no dia 3 de outubro. Mas, diferentemente da maioria dos meus amigos, votarei. Não apenas pelo simples fato de exercer a democracia, mas sim por ainda ter esperança, por acreditar que o país pode progredir e por não me acomodar com a eleição cada vez menos consciente de políticos cada vez mais desonestos.

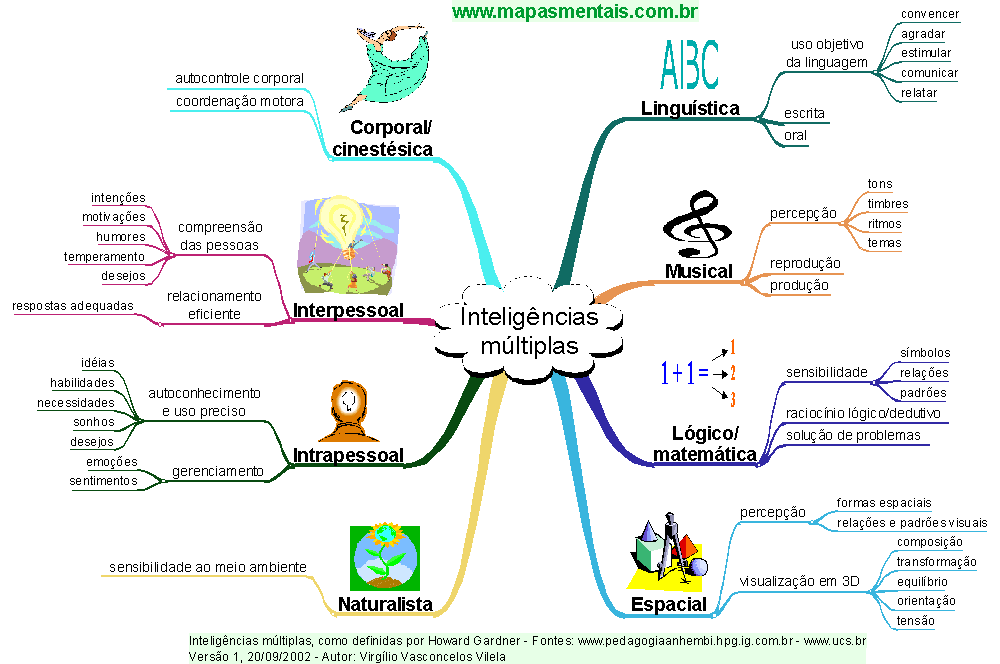
Corrupção sempre existiu, a história do nosso país marcada por exploração dos menos favorecidos que o diga. Mas, baseados nos últimos acontecimentos de um passado não muito distante, os jovens têm se desiludido com a política, e, em vez de se revoltarem e tentarem buscar algum tipo de mudança, muitas vezes se sentem conformados, dizendo frases clássicas como "Todo político é mentiroso" ou "Eu, sozinho, não vou mudar nada". Não era assim no tempo dos nossos pais (muitos estavam, de alguma forma, envolvidos em movimentos que lutavam pelo fim da ditadura militar).

Ou talvez esse descontentamento seja puro comodismo das classes média e alta, já que muitas mudanças que poderiam ocorrer dificilmente atingiriam o bolso e o estilo de vida desses cidadãos. Eles continuariam contando com seus excelentes planos de saúde, frequentando os melhores colégios e universidades, e recebendo suas fartas mesadas podendo assim manter seus luxos.

Não podemos esquecer que fomos nós, brasileiros, quem colocamos e colocaremos os candidatos no poder. Se cada um não se conscientizar e pesquisar a vida política do seu candidato, não teremos o direito de reclamar sobre a falta de ética, uma vez que ninguém cai de paraquedas em Brasília. Por isso, deixo aqui o meu apelo. Por favor, não jogue seu voto no lixo! Tente fazer diferente, tente fazer a diferença. O Brasil e seus 190 milhões de brasileiros agradecem.

É triste ver o desinteresse de muitos jovens com relação à política. Esse é um dos fatores que levaram ao decréscimo do número de eleitores com menos de 18 anos. http://blogdofolhateen.folha.blog.uol.com.br/arch2010-08-01\_2010-08-07.html

**Texto 11 – Múltiplas inteligências**



**Texto 12 –** Caso de secretária



Imagens pixabay.com

Foi trombudo para o escritório. Era dia de seu aniversário, e a esposa nem sequer o abraçara, não fizera a mínima alusão à data. As crianças também tinham se esquecido. Então era assim que a família o tratava? Ele que vivia para os seus, que se arrebentava de trabalhar, não merecer um beijo, uma palavra ao menos!

Mas, no escritório, havia flores à sua espera, sobre a mesa. Havia o sorriso e o abraço da secretária, que poderia muito bem ter ignorado o aniversário e, entretanto, o lembrara. Era mais do que uma auxiliar, atenta, experimentada e eficiente, pé-de-boi da firma, como até então a considerara; era um coração amigo.

Passada a surpresa, sentiu-se ainda mais borocoxô: o carinho da secretária não curava, abria mais a ferida. Pois então uma estranha se lembrava dele com tais requintes, e a mulher e os filhos, nada? Baixou a cabeça, ficou rodando o lápis entre os dedos, sem gosto para viver.

Durante o dia, a secretária redobrou de atenções. Parecia querer consolá-lo, como se medisse toda a sua solidão moral, o seu abandono. Sorria, tinha palavras amáveis, e o ditado da correspondência foi entremeado de suaves brincadeiras da parte dela.

--- “O senhor vai comemorar em casa ou numa boate?”

Engasgado, confessou-lhe que em parte nenhuma. Fazer anos é uma droga, ninguém gostava dele neste mundo, iria rodar por aí à noite, solitário, como o lobo da estepe.

--- “Se o senhor quisesse, podíamos jantar juntos”, insinuou ela, discretamente.

E não é que podiam mesmo? Em vez de passar uma noite besta, ressentida – o pessoal lá em casa pouco está me ligando -, teria horas amenas, em companhia de uma mulher que – reparava agora – era bem bonita.

Daí por diante o trabalho foi nervoso, nunca mais que se fechava o escritório. Teve vontade de mandar todos embora, para que todos comemorassem o seu aniversário, ele principalmente. Conteve-se no prazer ansioso da espera.

– Onde você prefere ir? – perguntou, ao saírem.

– Se não se importa, vamos passar primeiro no meu apartamento. Preciso trocar de roupa.

Ótimo, pensou ele; faz-se a inspeção prévia do terreno e, quem sabe?

– Mas antes quero um drinque, para animar – ela retificou. Foram ao drinque, ele recuperou não só a alegria de viver e de

fazer anos, como começou a fazê-los pelo avesso, remoçando. Saiu bem mais jovem do bar, e pegou-lhe do braço.

No apartamento, ela apontou-lhe o banheiro e disse-lhe que o usasse sem cerimônia. Dentro de quinze minutos ele poderia entrar no quarto, não precisava bater – e o sorriso dela, dizendo isto, era uma promessa de felicidade.

Ele nem percebeu ao certo se estava se arrumando ou se desarrumando, de tal modo que os quinze minutos se atropelaram, querendo virar quinze segundos, no calor escaldante do banheiro e da situação. Liberto da roupa incômoda, abriu a porta do quarto. Lá dentro, sua mulher e seus filhos, em coro com a secretária, esperavam-no atacando “Parabéns para você”. Carlos Drummond de Andrade. Poesia e Prosa, Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1988.

**Texto 13 – Planetas habitados**



https://www.bing.com/images

- Olhe como são bonitas, milhares de estrelas...

- E quase todas devem ser rodeadas de planetas como o nosso, habitados, provavelmente...

- Custa-me acreditar...

- Os cientistas dizem que há milhões, talvez trilhões de planetas, só nas galáxias mais próximas. A vida existiria como aqui.

- Devo ter pouca imaginação. Acho difícil visualizar planetas habitados, com seres iguais a nós, vivendo como nós.

- Por que “ iguais e vivendo como nós”? É pretensão injustificável deduzir que só animais semelhantes tenham desenvolvidos inteligência. E os objetos de forma arredondada, vistos em nossa órbita? Muita gente os vê a olho nu.

- Não seriam pessoas sugestionáveis ou com defeitos na vista? Li num artigo: essas aparições são fenômenos naturais pouco estudados, ou máquinas voadoras feitas aqui mesmo, em experiências secretas.

- Talvez, em parte. Mas já há uma boa documentação e não vejo motivo de espanto em supor que outros planetas do nosso sistema sejam habitados.

- Mas os seres que comandam ou pilotam essas naves espaciais, por que não pousam e entram em contato?

- Não passa de orgulho gratuito pensar que habitantes de outros planetas estejam interessados em dialogar conosco. Esses engenhos talvez sejam minúsculos, comandados a distância. Estarão apenas nos estudando com seus aparelhos? E é bem possível que eles sejam tão diferentes de nós que não haja uma possibilidade de entendimento imediato.

- Falariam línguas impossíveis de se aprender? Quem sabe emitam ruídos, ou comuniquem-se por gestos...

- Nossos cientistas acabariam descobrindo a chave. Ou eles, mais inteligentes, nos ajudariam a compreendê-la.

- Aquela estrela brilhante não é um planeta?

- É. Ali há condições para a vida. Talvez primitiva e diversa da nossa, pois sua temperatura é extraordinariamente alta.

- Escrevem muitas histórias sobre aquele planeta. Costumam inventar seus habitantes como sendo monstros destruidores, interessados em conquistar a galáxia...

- Histórias e hipóteses... quem sabe eles têm mesmo duas antenas na cabeça, um olho atrás, outro na frente, quatro braços e seis patas.

- Seria engraçado se fosse assim.

- Por quê? - Pior se tivessem dois braços, um par de olhos em cima do nariz...

- Seu conceito de beleza é muito exclusivista.

- Gente normal como nós poderia se entender com monstros pavorosos?

- Fique tranquilo. É provável que eles só existem nas histórias. E descobriram que lá a atmosfera é oxigênio puro. De mais a mais, o terceiro planeta possui só um terço de matéria sólida. O resto é uma substância líquida onde a vida é improvável.

- Essa conversa me abala os nervos. Imaginar monstros pernaltas, com dois olhos na frente. Toque aqui a antena.

- Adeus. Não pense mais no assunto. E saia com cuidado para não incomodar as crianças. Seis patas fazem muito barulho... André Carneiro. In: Roberto de Sousa Causo (Org.). Histórias de ficção científica. v.38. São Paulo: Ática, 2005. p.27-30.

**Texto 14 – Cálice**



https://br.pinterest.com/pin/710724384919054996/

Pai, afasta de mim esse cálice  
 Pai, afasta de mim esse cálice  
 Pai, afasta de mim esse cálice  
 De vinho tinto de sangue

Pai, afasta de mim esse cálice, pai  
 Afasta de mim esse cálice, pai  
 Afasta de mim esse cálice  
 De vinho tinto de sangue

Como beber dessa bebida amarga  
 Tragar a dor, engolir a labuta  
 Mesmo calada a boca, resta o peito  
 Silêncio na cidade não se escuta

De que me vale ser filho da santa  
 Melhor seria ser filho da outra  
 Outra realidade menos morta  
 Tanta mentira, tanta força bruta

Pai (Pai)  
 Afasta de mim esse cálice (Pai)  
 Afasta de mim esse cálice (Pai)  
 Afasta de mim esse cálice  
 De vinho tinto de sangue

Como é difícil acordar calado  
 Se na calada da noite eu me dano  
 Quero lançar um grito desumano  
 Que é uma maneira de ser escutado

Esse silêncio todo me atordoa  
 Atordoado eu permaneço atento  
 Na arquibancada pra a qualquer momento  
 Ver emergir o monstro da lagoa

Pai (Pai)  
 Afasta de mim esse cálice (Pai)  
 Afasta de mim esse cálice (Pai)  
 Afasta de mim esse cálice  
 De vinho tinto de sangue

De muito gorda a porca já não anda (Cálice)  
 De muito usada a faca já não corta  
 Como é difícil, pai, abrir a porta (Cálice)  
 Essa palavra presa na garganta

Esse pileque homérico no mundo  
 De que adianta ter boa vontade  
 Mesmo calado o peito, resta a cuca  
 Dos bêbados do centro da cidade

Pai (Pai)  
 Afasta de mim esse cálice (Pai)  
 Afasta de mim esse cálice (Pai)  
 Afasta de mim esse cálice  
 De vinho tinto de sangue

Talvez o mundo não seja pequeno (Cálice)  
 Nem seja a vida um fato consumado (Cálice)  
 Quero inventar o meu próprio pecado (Cálice)  
 Quero morrer do meu próprio veneno (Pai, cálice)

Quero perder de vez tua cabeça (Cálice)  
 Minha cabeça perder teu juízo (Cálice)  
 Quero cheirar fumaça de óleo diesel (Cálice)  
 Me embriagar até que alguém me esqueça (Cálice)

Fonte: [Musixmatch](https://www.musixmatch.com/)

Compositores: Gilberto Gil / Chico Buarque

**Orientações para o desenvolvimento da atividade**

1. Em grupos, escolham um dos textos.

2. Realize os três tipos de análise: textual, temática e interpretativa de acordo com a sequência abaixo.

**Técnicas para análise textual**

- Realizar a primeira leitura do texto para extrair as ideias expressas pelo pensamento ao autor;

- destacar as passagens que você não compreendeu completamente;

- realizar pesquisas sobre o autor: biografia e obras realizadas;

- analisar o tipo de linguagem (formal ou informal)

- levantar o vocabulário empregado, os textos trazem termos, fatos, objetos e citações de autores nem sempre conhecidos por você.

**Técnica para análise temática**  
  
- descobrir qual é a mensagem que o autor quis transmitir;   
- buscar apreender a ideia principal do texto;  
- perceber o que motivou o autor a escrever, qual é a função social do texto;   
- alcançar a essência do texto com a leitura de cada parágrafo, lentamente, para organizar os elementos mais importantes;  
- fazer perguntas ao texto para promover a compreensão global:   
   
 O que o título indica?   
 Qual é o assunto tratado?   
 Qual é o gênero?   
 Qual é o objetivo do autor ao escrever o texto?

**Técnicas para análise interpretativa**Coerência interna

a) Alguma ideia nega ou se contrapõe a outra?  
b) O raciocínio do autor demonstrou sua tese.  
  
Tratamento do tema e relevância da argumentação

a) O texto é original?  
b) O tema é analisado com detalhes?  
c) Os argumentos do autor foram convincentes?  
d) Qual é o alcance do tema?  
e) A abordagem do autor contribui para uma mudança de postura? Comente?  
  
Elaboração de um comentário crítico

a) Você concorda com as ideias apresentadas pelo autor? Por quê?